

Mateus e os Judeus

O principal propósito deste ensaio não é o estudo exegético do evangelho de Mateus. Esta breve discussão propõe, antes, sublinhar as tensões vividas entre dois grupos judaicos no final do século I dC: a comunidade de Mateus e os fariseus. A destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos, em 70 dC, obrigou os grupos judaicos sobreviventes a reavaliarem os conceitos, símbolos e tradições herdados do judaísmo e a se reorganizarem como grupo. Ao mesmo tempo, a guerra de 66-73 aniquilou grupos judaicos influentes. Entre eles podemos incluir a cúpula sacerdotal do templo, os grupos da resistência armada, além de fanáticos e piedosos de tendências diversas (apocalípticos e essênios). Nesse cenário, o grupo de maior prestígio popular e principal corrente do judaísmo do Segundo Templo era representado pelos fariseus. Socialmente menos influente, porém, os seguidores de Jesus não podem ser subestimados, dentre os quais a comunidade de Mateus aparece como o principal segmento em conflito com os fariseus na Terra de Israel. Existem evidências na literatura da época que imortalizaram as hostilidades entre esses grupos judaicos, algumas das quais serão lembradas abaixo.

Sob a liderança dos rabis no final do século I, os antigos fariseus lançaram mão de um eficiente instrumento em sua liturgia com a finalidade provocar o afastamento de outros judeus, dissidentes, de suas sinagogas. Um excerto do talmude (*TB Ber* 28a) atesta que na reformulação das “Dezoito Bênçãos” (*Shemone Ezerê*), o rabi Shmuel ha-Katan acrescentara uma ‘maldição’ (*Birkat ha-minim*) dirigida contra heréticos, gnósticos e, provavelmente, contra os seguidores de Jesus, aqui identificados pelo epíteto de “Nazarenos” (*Notzrim*). Incluída no *Shemone Ezre*, a 12^a Bênção (*Birkat ha-Minim*) traz o seguinte conteúdo: *Que não haja esperança para os apóstatas... que os nazareus e os minim pereçam num instante. Sejam apagados do livro dos vivos e não sejam inscritos entre os justos.* Vale dizer que esse contexto hostil, em forma de ‘maldição’, também se refletia em *Mt* 23, nas “sete maldições” dirigidas contra os fariseus: *Ai de vós, fariseus hipócritas...*

Recentes estudos acadêmicos sobre o Evangelho de Mateus (especialmente J.A. OVERMAN e A.J. SALDARINI) têm contribuído para um crescente interesse em torno do ambiente judaico da comunidade de Mateus. Reascende-se, assim, o velho e inevitável debate concernente às tensões envolvendo a comunidade judaica de Mateus e o grupo rabínico-farisaico depois da destruição do Templo. Essas pesquisas consideram que o evangelho de Mateus oferece importantes pistas não só para se entender as profundas transformações políticas e sociais que afetaram a vida dos judeus na terra de Israel após a destruição do Templo. O evangelho também dá margem para uma leitura sociológica mais cuidadosa sobre problemas que envolviam pequeninas comunidades existentes na orla do judaísmo desse período. Estando inserido num universo social judaico maior, o grupo de Mateus deve ser vista como uma seita judaica dissidente, preocupada em se auto-afirmar frente ao grupo maior dos fariseus.

De acordo com esses estudos, a comunidade de Mateus é originária da Alta Galiléia ou Baixa Síria. Após a Guerra de 66-73 lideranças farisaicas teriam se refugiado em pequenas aldeias da Galiléia, em locais onde tentavam reconstruir o judaísmo depois da destruição de Jerusalém. Graças à estrutura social e litúrgico-religiosa estabelecida no ambiente da sinagoga e, posteriormente, sua ambientação ao contexto das academias para o estudo das Escrituras, o judaísmo rabínico conseguiu se desenvolver enquanto reagia às crises mais emergentes. E, de fato, estudos arqueológicos feitos na Galiléia, principalmente em *Beit Shearim* e Tiberíades, revelam quão influentes estes centros foram para a erudição rabínica,

além de testemunharem extraordinária relevância para o desenvolvimento da *mischna* na Galiléia após a destruição do Templo.

No evangelho de Mateus nota-se a erupção de um quadro social marcado por hostilidades e acusações do grupo de Mateus contra os fariseus. Esse tipo de comportamento hostil é próprio de ambientes sociais instáveis, caracterizados por súbitas alterações na ordem institucional vigente. A causa imediata dessa instabilidade foi, sem dúvida, a destruição do Templo de Jerusalém. Por isso, do encontro entre grupos rivais locais emergiram dissidências que se expressavam em forma de hostilidades e ressentimentos. As hostilidades dos judeus mateanos contra os fariseus sinalizam o estágio inicial de uma crise que se desenrolava entre dois grupos judeus. Em tempos tardios, quando tais ressentimentos locais passaram a ser lidos fora de seu contexto imediato, as hostilidades de Mateus contra os fariseus foram transformadas num confronto mais agressivo e, depois, usados para contrastar o cristianismo e o judaísmo.

Mateus e os fariseus não só testemunham o ambiente judaico comum partilhado por grupos dissidentes locais. Desse encontro nasceram profundos desacordos teológicos que se tornaram bandeira no processo de separação entre cristianismo e judaísmo em tempos tardios. Em sua base sócio-teológica, o comportamento da comunidade de Mateus só é compreensível se inserido no mundo judaico de seu tempo. O fato, por exemplo, de Mateus usar um termo grego corrente para suas assembléias, *eklésia* (Mt 16,18 e 18,18-19), não significa que seus membros deixaram de ser judeus ou que se separaram do judaísmo. *Eklésia* (“igreja”) pretende designar o grupo menor de Mateus, contrastando-o com seus adversários da comunidade judaica maior: os fariseus. Tanto *eklésia* quanto *synagógé* são termos gregos usados para traduzir assembléia (do hebraico bíblico *Qahal* – Dt 31,30) os quais, a rigor, não devem ser empregados para contrastar igreja cristã e sinagoga judaica. Ou seja, *eklésia* ainda não designa o sentido técnico da “Igreja” institucionalizada contra outro suposto termo técnico judaico de sinagoga. É preciso, antes, verificar as implicações das reivindicações feitas por Mateus contra seus adversários. Se de um lado, a “assembléia” (*sinagoga*) dos fariseus os identificava como comunidade de Israel, a “assembléia” (*eklésia*) mateana, sendo orientada pelos ensinamentos de Jesus, também formava uma comunidade de Israel. SALDARINI propõe, então, que “o uso de *eklésia* em Mateus deve ser determinado a partir do contexto literário e social imediato e não pelo uso em outra literatura cristã” (2000, p. 194). Ou seja, no ambiente comunitário judaico do século I, o desenvolvimento da *eklésia* mateana deve ser avaliada não como termo técnico para justificar a existência de comunidades gentias institucionalizadas fora da terra de Israel.

Lançando um olhar mais amplo sobre o texto de Mateus, a experiência da comunidade constitui testemunha viva da literatura judaica de protesto no período imediatamente após a destruição do Templo. Nas exposições de Mateus empregam-se diversas fontes judaicas com a finalidade de reforçar uma base consistente, dando-lhe legitimidade como grupo herdeiro das tradições de Israel.

O evangelho de Mateus, escrito cerca de 85 d.C., manifesta preocupação particular com o futuro e sobrevivência de seu grupo num tempo de incertezas causadas pela destruição de Jerusalém. Questionamentos sobre qual seria o futuro da nação estavam na ordem do dia. Acrescenta-se a esse quadro complexo a emergência das novas lideranças e dirigentes judeus, os rabis-fariseus. Desde a época de Esdras, os *soferim* (escribas) já eram vistos como importantes componentes na formação de lideranças locais através da função de educadores do povo nas cidades e pequenas aldeias (*Esd* 2,1 e *Ne* 7,6). Constituíam irmandades leigas treinadas na arte da escrita e no exercício da leitura pública da Tora,

durante a semana e na liturgia do *shabat*. Suas atividades fizeram evoluir os estudos das Escrituras em direção à interpretação da Tora, até se firmar como cultura da interpretação. Os *soferim* foram sucedidos pelos *zugot* (pares) e pelos *fariseus*, atingindo o ápice com as gerações de sábios *tanaim* e *amoraim*.

Sendo comunidade originária do judaísmo do final do Segundo Templo, não se deve ignorar um importante pressuposto da relação de Mateus com a tradição de Israel, segundo o qual “os limites entre o Judaísmo e o Cristianismo emergente (ainda) não estavam firmemente estabelecidos no fim do séc. I, em especial no ambiente de Mateus” (Saldarini, 2000, p. 271). Sendo, a propósito, um grupo diretamente afetado pelas transformações do judaísmo na Terra de Israel, após a destruição do Templo, Mateus se vê obrigado a travar um indigesto debate com o principal grupo oponente de seu tempo. Mas, a época em que Mateus redige seus discursos está separada em, aproximadamente, cinquenta anos da de Jesus, o que implica reconhecer que os maiores rivais de Mateus (os fariseus) foram deslocados da época de Jesus a fim de responder aos desafios da comunidade judaica nos tempos de Mateus. Era preciso repensar o destino e a sobrevivência de seu grupo e, com isso, o destino do povo eleito de Israel com o qual seu grupo se identificava.

Por isso, é preciso recuperar o alcance do sentido original do confronto entre Mateus e os fariseus. Uma leitura superficial do evangelho revela conflitos mal resolvidos, pois não tiveram continuidade nem no seio do judaísmo, nem no cristianismo. Parte desses conflitos locais, quando interpretados fora do contexto original de Mateus, incentivaram polêmicas mediante o emprego de linguagem apologética fazendo do cristianismo e judaísmo religiões rivais. Na medida em que o cristianismo evoluía como religião do Império (séc. II-IV), alienando Jesus da história do povo judeu, o cristianismo também inviabilizava a volta ao berço de sua experiência sócio-religiosa original: a sinagoga judaica dos tempos de Jesus. No século IV o cristianismo e judaísmo tornavam-se religiões rivais. O evangelho de Mateus, considerado o mais judeu de todos os escritos do NT, fora então convertido no discurso de um Jesus enfurecido contra os judeus, inicialmente representados pelos fariseus da época de Mateus. Extraído do seu contexto judaico local e imediato, bem como do espírito natural das tensões teológicas e da interpretação da Escritura, o evangelho passaria a ganhar uma estranha tonalidade anti-semita. Mas não por culpa de Mateus! O que era para ser um debate teológico localizado, construído por Mateus para rebater os fariseus de seu tempo, adquiriu ares anti-judaicos (*Mt* 23). Isso deve, em grande parte, aos intérpretes de Mateus que já ignoravam o calor imediato dos debates ocorridos num ambiente de rivalidade entre grupos judaicos dissidentes.

Passemos, agora, para uma leitura do ambiente de Mateus avaliando o ponto de vista da produção intelectual e teológica do evangelho:

Primeiro, acredita-se que a história de Jesus, descrita neste evangelho, está construída sobre certa tendência apologética que aponta o cumprimento das Escrituras. Nela, há um claro esforço em descrever Jesus como o “Novo Moisés” que cumpre todas as promessas de Deus feitas a Israel (*Mt* 1 e 5). Mateus não deixa de assumir que sua comunidade está sendo vítima da má compreensão por parte dos fariseus em relação à sua recente história de Jesus. Sem dúvida, o diálogo hostil e pouco amistoso assumido por Mateus contra os fariseus é marcado por profundas divergências teológicas entre duas comunidades judaicas. O ponto alto dessas discórdias, antes de serem transformadas em controversas anti-judaicas, está no âmbito da interpretação das Escrituras. Enquanto Mateus está convicto de que é em Jesus que a Tora se realizará por completo, sendo esta a condição que ilumina o sentido da história de Israel e na prática da sua comunidade, os fariseus já

havia definido que a Tora (Escrita e Oral) fora entregue a Moisés no Sinai, e que ninguém poderia interpretá-la dispensando a autoridade primária de Moisés. De fato, Mateus não nega isso, conforme pode ser inferido de *Mt 5,17*. Ele, porém, reconhece que é Jesus o grande mestre da Tora, ao dizer: *eu porei vos digo...* (*Mt 5,28.32ss*), crença rejeitada pela tradição do judaísmo rabínico.

Segundo, existe uma coerência tão marcante quanto singular no modo de Mateus expor a base da fé judaica, ao interpretar a Escritura. É notável, por exemplo, a estrutura ou método exegético adotado na elaboração de *Mt 5,17-18*. Chamado de “sermão”, ou “discurso da montanha” pelas edições bíblicas cristãs, é plausível associá-la, ao invés, a uma exposição homilética sobre versos extraídos da Tora que, acrescidos de comentários, muito se aproxima da exposição *Derashá*¹ (FLUSSER, p.494). Os mestres já estavam habituados a esse tipo de trabalho exegético da Escritura, especialmente durante as assembleias nas sinagogas. *Mt 5,17* inicia expondo o alicerce sobre o qual repousará o restante de seu discurso. Reconhece, pois, a principal premissa da qual dependem todas as outras: *Jesus não veio revogar a Tora e os Profetas*, e prossegue até sublinhar que *violar um só desses preceitos e ensinar os outros a fazerem o mesmo* implica em *ser chamado menor*. Esse ensinamento é soberano e nada que lhe seja acrescido poderá suprimi-lo da concepção rabínico-judaica. FLUSSER chega a sugerir, e que me parece correto, a existência de um substrato fundamental, remanescente da tradição judaica e que a comunidade de Mateus fez questão de manter vivo. Esse substrato consiste em que transgredir um único preceito, seja o mais leve, implica em induzir à transgressão de outro maior (FLUSSER, p. 495).

Terceiro, reforçando o início desse ensaio, Mateus trás ecos de um período de dissensões entre grupos judaicos locais que se disseminavam lentamente entre grupos rivais desde o final do Segundo Templo, e especialmente depois da queda de Jerusalém (70 d.C.). Fazia parte desses textos o tom agressivo e hostil com que um grupo se dirigia contra outro. A comunidade judaica de Qumran, embora, anterior à queda, ilumina a realidade hostil entre grupos judaicos, e podem ser verificados nos *Manuscritos do Mar Morto*. A comunidade de Mateus chega até a cunhar um termo que, sendo sinônimo de sinagoga, em grego, fora usado para identificar o lugar onde seu grupo se reúne, sem pretender negar o contexto judaico da sinagoga. *Ekklesia* é o termo grego correspondente a *synagogué* (*Mt 16,18 e 18,17*), e reflete as tensões internas do judaísmo. Mateus, na verdade, não está tão longe da tentativa de dizer que sua comunidade constitui um novo Israel, uma forma de justificativa encontrada também nos documentos de Qumran, comunidade judaica que desapareceu pouco antes de Mateus, na guerra judaica de 66-73 d.C.

A história de Mateus é, em síntese, a história de uma comunidade frágil cujo desaparecimento foi definitivamente selado algumas décadas depois da catástrofe judaica de 70 d.C. Seu desaparecimento foi, provavelmente, a consequência inevitável da guerra de Bar Kokhbá (135 d.C.) na qual o grupo, por não comungar da causa messiânica de Kokhbá e enfraquecida pela falta de uma estrutura social que a fizesse resistir, acabou sendo vítima de suas próprias convicções e fadada ao total desaparecimento. No contexto social, a comunidade de Mateus é fruto de ambigüidades que marcaram o ambiente sectário do judaísmo após a Destruição do Segundo Templo. As tensões criadas com a destruição do

¹ Essa sugestão de David FLUSSER é, a propósito, muito interessante por revelar um costume judaico muito em voga na tradição judaica de estudar as Escrituras. “A rabbinic parallel to the Sermon on the Mount”. In: *Judaism and the origin of Christianity*. p. 494.

Templo levaram a comunidade de Mateus a entrar em conflito direto com o principal grupo remanescente do judaísmo – os fariseus.

Bibliografia básica:

Os estudos abaixo são, a meu ver, particularmente reveladores dessa abordagem que fiz, na medida em que seus autores aprofundam em muitos detalhes a relação conflituosa que marcou a comunidade de Mateus e o judaísmo farisaico:

- 1) – J. Andrew OVERMAN, *Igreja e Comunidade em Crise: O Evangelho Segundo Mateus*, Paulinas, 1999.
- 2) – -----, *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo: O mundo social da comunidade de Mateus*, Loyola, 1997.
- 3) – Anthony J. SALDARINI, *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*, Paulinas, 2000.
- 4) – David FLUSSER, “A Rabbinic Parallel do the Sermon on the Mount”. In: *Judaim and the Origins of Christianity*. Jerusalém: Magnes Press, 1988. pp. 494-508 (essa obra já se encontra traduzida. Foi publicada em português pela editora Imago, com o título *Judaísmo e as origens do Cristianismo*).

Donizete Scardelai.

Fone: (011) 4447-1794

Rua Rhodes, 201 – Cajamar – SP.